

O desastre de Trump

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista



consolidaram a vigorosa democracia norte-americana, que ultrapassou todas as dificuldades externas e internas. Sobreviveu, até hoje, como um país em que sua sociedade é livre para se manifestar.

A Califórnia fazia parte do território do México, desde que declarou sua independência da Espanha, em 1821. Quase toda a costa oeste dos Estados Unidos era território mexicano. Houve uma guerra, tropas norte-americanas chegaram até a cidade do México. As tropas invasoras usavam uniforme verde, daí a expressão *greengo* (verdes vão embora). O conflito terminou com a assinatura de um tratado em que a Califórnia (Tratado de Guadalupe Hidalgo, em 1848) passou a ser território norte-americano. Mas, até hoje, o trânsito de mexicanos e norte-americanos é intenso na fronteira. O idioma espanhol é fartamente praticado em todo o sul dos Estados Unidos. Expulsar imigrantes é assunto controvertido. A maioria naquela região é de imigrantes ali ou descendentes deles.

O presidente Donald Trump decidiu mostrar publicamente seu poder e enviou a Guarda Nacional para reprimir os manifestantes. Não satisfeito, enviou também 700 fuzileiros navais, os famosos marines, tropa profissional que atua no exterior com grande precisão. Jamais foi utilizada para conter protestos políticos dentro do país. O presidente dos Estados Unidos ultrapassou uma linha perigosa. A Constituição dos Estados Unidos permite a qualquer um protestar, dentro dos limites civilizados, contra o que quiser. Nada, nem ninguém, pode impedir. Por essa razão, o governador da Califórnia, Gavin Newsom, comparou Donald Trump a "ditadores falidos" e o acusou de colocar a nação à beira do autoritarismo ao enviar forças militares para conter protestos em Los Angeles.

Os protestos começaram a se espalhar pelos

Estados Unidos. Os movimentos contra ação indiscriminada do Serviço de Imigração (ICE, em inglês) ocorreram em São Francisco, na Califórnia; em Austin, Dallas, Houston e San Antônio, no Texas; em Chicago, Atlanta; em Nova York, Washington D.C., Boston, Filadélfia, Seattle e Denver.

Efeito secundário vai perturbar o desempenho dos times que vão disputar a Copa do Mundo de clubes. Quatro brasileiros estão lá. Um deles, o Botafogo, vai jogar na Califórnia. Mas seus torcedores estão com receio de fazer festas e promover a tradicional confraternização, temendo a ação dos agentes do ICE. O pessoal do Flamengo também não planeja grandes comemorações. Teme que a polícia venha prender e expulsar apoiadores. Os times podem entrar nos Estados Unidos, mas os torcedores, não.

Donald Trump não conseguiu apaziguar a situação na guerra entre Ucrânia e Rússia. Os ucranianos conseguiram, numa operação com drones, retirar de combate um terço da aviação russa, inclusive alguns bombardeiros capazes de transportar bombas atômicas. Por consequência, o comando militar russo afirmou estar estudando a opção nuclear. É o reconhecimento de que o golpe foi profundo.

Israel atacou o Irã, promoveu guerra total ao país que está perto de construir sua bomba atômica. Israel também tem artefato nuclear. O cenário é pavoroso. O pior possível. A diplomacia falhou. A crise da Califórnia e a truculência do presidente norte-americano parecem ter o objetivo de desviar a opinião pública dos problemas imediatos e reais.

A desastrosa e irresponsável política externa de Trump colocou o mundo mais perto de uma trágica guerra nuclear tanto na Europa quanto no Oriente Médio.

Preservar o solo, proteger o clima

» MALU NUNES
Diretora executiva da Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza e membro da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza (RECN)



"A fagar a terra, conhecer os desejos da terra." O verso da música de composição de Milton Nascimento e Chico Buarque, na década de 1970, traz uma lição que já deveríamos ter aprendido: compreender e respeitar as necessidades do solo e da natureza. Diante da crise climática, ainda se discute pouco sobre como o solo é um aliado na redução do aquecimento global, na adaptação da sociedade e na mitigação de impactos e eventos extremos — recurso fundamental para o fornecimento da água, a produção de alimentos e a conservação da biodiversidade.

As mudanças climáticas impactam diretamente o solo em sua capacidade de produção, funcionalidade e composição. Eventos climáticos extremos causam grandes impactos, como a perda de fertilidade, desestruturação do solo e a erosão. O mau manejo do solo contribui com esses e outros impactos, além de provocar grandes emissões de gases de efeito estufa (GEE). Por outro lado, o bom manejo tem potencial para remover carbono da atmosfera e ajudar no combate ao aquecimento global.

De acordo com mapeamento do Centro de Estudos de Carbono na Agricultura Tropical, da Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz (Universidade de São Paulo de Piracicaba), 38% do solo da América Latina e do Caribe estão degradados. Esse número é maior do que a média mundial, de 33%. O estudo considerou fatores físicos, químicos e biológicos, como porosidade total, água disponível para as plantas e estoque de carbono.

Um exemplo claro dos impactos da crise climática sobre o solo foi o desastre ocorrido no Rio Grande do Sul, no ano passado, considerado o mais devastador da história do Brasil. Estudo do professor Gustavo Brunetto, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), revelou que a Serra Gaúcha pode levar até 40 anos para recuperar sua terra. Segundo o pesquisador, a enxurrada arrastou nutrientes essenciais ao crescimento das plantas, transportando-os para áreas mais baixas do relevo ou para águas superficiais.

Por outro lado, também em 2024, o Brasil enfrentou uma das piores secas desde 1950, de acordo com o Centro Nacional de Monitoramento de Desastres Naturais (Cemaden). A chamada megaseca atingiu quase 60% do território nacional, consequência do aquecimento global, do desmatamento e de fenômenos climáticos naturais, como o El Niño. Em 2025, o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) alertou que o verão brasileiro registrou chuvas abaixo do necessário para recompor a umidade do solo. A escassez hídrica prejudica a agricultura, trazendo insegurança alimentar e inflação dos alimentos.

A conservação do solo deve ser encarada como uma estratégia fundamental para minimizar os impactos climáticos. A superfície preservada sustenta a vegetação, a fauna e o equilíbrio dos ecossistemas, sejam eles naturais ou modificados pela ação humana. Estudo da Agência Paulista de Tecnologia dos Agroparceiros (Apta) e da Embrapa Meio Ambiente analisou imagens de satélite ao longo de 39 anos e revelou como a conversão de florestas em pastagens e áreas agrícolas compromete o estoque de carbono no solo. Essa degradação responde por 41,4% das emissões de gases de efeito estufa do setor agropecuário no Brasil.

No entanto, os pesquisadores ressaltam que práticas de manejo sustentável, como a rotação de culturas e os sistemas agroflorestais, podem reverter esse processo, favorecendo o sequestro e manutenção de carbono no solo e contribuindo para o combate ao aquecimento global. O cuidado com o solo esteve diretamente relacionado com as três convenções ONU assinadas durante a Rio 92, há 33 anos: sobre Diversidade Biológica, Mudança do Clima e Desertificação. Sem dúvidas, um tema que também merece atenção nas discussões que teremos ao longo da COP30, em novembro, em Belém.

É preciso lembrar que as soluções estão na própria natureza. A restauração da vegetação nativa, por exemplo, permite a ciclagem de nutrientes e, consequentemente, a recuperação da fertilidade do solo. As árvores têm um mecanismo natural que favorece esse processo: suas raízes profundas absorvem nutrientes das camadas inferiores e os redistribuem na superfície por meio da queda de folhas, galhos e frutos. Dessa forma, o solo se mantém saudável sem a necessidade de insumos artificiais, reduzindo a dependência de fertilizantes químicos e minimizando impactos ambientais.

No Paraná, o movimento Viva Água é um exemplo que reúne diferentes atores da sociedade para cuidar essencialmente da qualidade do solo em uma região estratégica para a captação de água e abastecimento hídrico da Grande Curitiba. O solo local é altamente suscetível à erosão causada pelas enchentes e enxurradas, comprometendo tanto a qualidade da água quanto a produtividade agrícola. Para enfrentar esse desafio, foram conduzidos estudos detalhados para identificar as áreas mais vulneráveis e os principais focos de sedimentação. A partir dessas análises, o movimento promoveu a cocriação de soluções em parceria com poder público, moradores, produtores rurais, empresas e cientistas.

Iniciativas locais que envolvem diferentes setores da sociedade são essenciais para construirmos um futuro mais sustentável. Um futuro que merece atenção e ações imediatas. Não podemos ignorar a importância do solo, que sustenta a vegetação, armazena carbono, abriga 60% dos organismos vivos conhecidos e regula ciclos naturais fundamentais para a vida. Cuidar do planeta é uma necessidade urgente, e a terra, que dá nome ao nosso lar, precisa de maior atenção.

Maurenilson Freire



Minhas memórias do povo kalunga: um lugar sagrado

» FRANCA VILARINHO
Jornalista e fotógrafa



mesmo caminho. Ninguém mexia na moto. Quando chovia, não tinha aulas. Em outra moradia, uma cena chocante: dois meninos brincavam de carrinho. Mas o carrinho era um simples eixo com duas rodinhas de plástico. Ali a vida, com pouco, parecia abundante!

Chegamos à margem do Rio Paranã e encontramos uma simples canoa que nos deixou apreensivos, mas a vista era incrível! Passamos a noite na casa da cunhada do guia, onde fomos acolhidos de forma calorosa. Deram-nos o melhor que tinham. Jantar delicioso. A conversa rolou até tarde.

De manhã, seguimos pelo chão batido do Vão de Almas. Vimos casas cobertas de palha, homens a cavalo, com chapéus de palha e chicotes. Em cada residência, recebíamos cumprimentos, ofertas de café e olhares curiosos. Visitamos Dona Procópio, mulher forte e sábia. Ainda conhecemos uma dona que realizava os "casamentos de fogo". O padre vinha raramente e, a pedido dos jovens apaixonados, delegava o poder de celebrar casamento para ela, numa cerimônia em volta a uma fogueira. Dormimos novamente na casa da cunhada e nos despedimos levando um baú de histórias. Pegamos a canoa de volta.

Era um dia de sol. Todos contentes, repletos de lições e novas amizades. Vimos ao longe uma enorme serra. Seguimos. Havia um riacho no meio do trajeto. Parecia raso, mas não. Dá-lhe, bandeirante! O velho jipe não resistiu, atolou-se no meio do rio, enchendo-se de água. Eram 9 horas.

E agora? Bem perto, encontrava-se a mais alta montanha da região. Apavorados, tentamos tirar o jipe. Não conseguimos. Alguns moradores apareceram para ajudar. Era muito difícil, até para homens tão robustos, vencedores de tantas batalhas nas severas condições do Cerrado.

Tivemos boa notícia: o caminhão da Prefeitura de Cavalcante, que vinha uma vez por mês, por coincidência, milagre ou conspiração dos orixás, passaria justamente naquele dia. A esperança encheu o coração! Nos acomodamos. A comunidade foi chegando, trazendo trouxas e produtos para vender na cidade. Uma mulher com um filho enfermo demonstrava angústia. Era seu caçula. Sem remédio, tinha que consultar um médico. O jeito era esperar! E o tempo passando devagar...

Às cinco da tarde, ouvimos o som de um motor. Expectativa na beira da estrada. O caminhão chegou, repleto de gente. Alguns desceram e ele seguiu em frente. Ao retornar, puxou o jipe. Exausta e com muita fome, percebi a realidade dura do sertão. Era o século 21, mas naquele dia me sentia como se estivesse num passado conhecido apenas em livros. Local sem asfalto, comunicação ou internet, de moradores sofridos, mas solidários, apesar de tudo.

Para pôr o carro na caçamba, tiveram que formar um barranco com enxadas. Ao escurecer, o jipe e as pessoas, apertadas, dividiam a carroceria. Leve chuva começou a cair. Mulheres na parte de trás da carroceria rezavam, os jovens subiram no teto da boleia. Viajamos em pé, agarrados na lateral. Os tecidos brancos que cobriam suas cabeças lembravam Canudos. Chegamos a Cavalcante, às 3 horas da madrugada, acabrunhados, tristes e cansados. Nos despedimos, agradecendo e pedindo desculpas.

Naquele dia não fotografei. No dia seguinte, ainda sentindo os efeitos do que tínhamos vivido, com dor de cabeça, refletia sobre as dificuldades daquela gente. Eram vozes que clamavam. E que ainda não foram ouvidas!